

Apresentação do Dossiê
“Universidades em transformação? Tensionamentos e possibilidades a partir de múltiplos saberes”

Antônio Augusto Oliveira Gonçalves (UEMG/UFG - antonio.goncalves@uemg.br)

Camila Mainardi (UFG - camilamainardi@ufg.br)

Tatiana Maciel Gontijo de Carvalho (UEMG - tatiana.maciel@uemg.br)

A presença indígena, quilombola, negra, de lideranças, integrantes de comunidades ancestrais, entre demais sábias e sábios de povos tradicionais nos espaços acadêmicos, têm produzido diversas provocações como tensionamentos quanto a abertura ao diálogo inter e transepistêmico nas instituições produtoras de conhecimento, as universidades. Ocorrem tensionamentos quando se desestabilizam matrizes eurocêtricas e aberturas dialógicas quando outras epistemologias se apresentam.

Na área de Antropologia, as dissertações e teses de autoria indígena e quilombola desafiam pressupostos epistemológicos tidos como hegemônicos, promovem descentramentos e inovadoras práticas de pesquisa, partem, ainda, de “propósitos coletivos” como assinalam Gersem dos Santos Luciano (2015: 243) e Marta Quintiliano (2019: 120). Na área da Filosofia, abre-se ao conhecimento de outras formas de pensar, ser e estar no mundo, como, por exemplo, o pensar-vivendo que Sodré (2017) destaca da filosofia nagô, conhecimento de mundo a partir do corpo como potência a ditar os ritmos do viver ao toque dos atabaques e da afirmação enraizada na *arkhé* dos orixás. Nas áreas da Educação e do ensino de História, ao seu turno, saberes tradicionais, de matrizes indígenas e africana, nos espaços acadêmicos e educacionais, tensionam a efetivação da Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino das histórias e culturas destas referidas matrizes na educação básica. As próprias universidades, enfim, tornam-se objetos de reflexão e crítica, assim como os conhecimentos nelas produzidos, além dos sentidos e dos efeitos desses conhecimentos, como problematizam, a partir de diferentes abordagens, as catorze contribuições reunidas neste dossiê.

Considerando a presença de múltiplos saberes nas universidades, que os saberes de povos tradicionais e os saberes acadêmicos não são comensuráveis (Carneiro da Cunha, 2009), nem estão isentos de relações de poder - práticas racistas e epistemicidas são constantemente atualizadas (Carneiro, 2005) -, mas que o ‘encontro’ destes produz transformações nas



instituições e fora delas, este dossiê se propôs a compartilhar reflexões e experiências que tratam das relações entre diferentes saberes e seus modos de produção nas universidades ou a partir do encontro - em sala de aula, em cursos de formação docente e em projetos de extensão, como se verá nos textos aqui reunidos - promovido por elas.

Assim, abrindo o dossiê, contamos com o texto conversa-entrevista entre Jaqueline de Oxóssi, dirigente espiritual do terreiro de umbanda Ilê Aiyê de Oxóssi - Viçosa-MG, Yuri Tomas dos Santos e Fabiana Marques do Carmo. Os três co-autorxs buscam enfrentar a pergunta que intitula este dossiê, produzindo um *ebó epistemológico* a partir do encontro com Jaqueline de Oxóssi. Trata-se de um texto colaborativo, produzido a seis mãos, sem muitas referências bibliográficas justamente para des-re-pensar os cânones dos saberes acadêmicos, que tece críticas contundentes ao capitalismo, consumismo e individualismo no mundo contemporâneo, expõe a preocupação com a vida, de humanos, não humanos e mais que humanos, e denuncia o distanciamento entre a academia e as comunidades ancestrais.

Em *Quanto tempo o tempo tem: um diálogo entre Prigogine e Êsù*, Alessandra Maria da Silva Gomes, *edkéje* na tradição nagô e acadêmica na área da Educação (UFMG), tece um ensaio acerca de como a temporalidade é vivenciada em diferentes tradições filosóficas, na ocidental e na africana, apostando em um diálogo reflexivo entre o físico-químico Ilya Prigogine, demais autores que quebram o paradigma cartesiano, e Êsù. Assim, ampliam-se os olhares sobre a forma como o tempo configura e conforma os espaços: linear e evolutivo na filosofia tradicional do ocidente, com a influência direta da cultura, na proposição de Prigogine, espiralado e cíclico, nas filosofias africanas.

Koria Valdvane Tapirapé, liderança *Apyãwa* (autodenominação do povo Tapirapé), também promove deslocamentos no pensamento ocidental ao discorrer sobre os saberes e práticas na “cerimônia de cura”, ritual que visa tratar doenças de origem espiritual entre os povos *Apyãwa* e *Inyê* (autodenominação do povo Karajá) no nordeste do Mato Grosso. Na cerimônia de cura, também conhecida como *ãxyga maramamytapaãwa* ou *xiwe*, se procura tratar o enfermo restabelecendo o equilíbrio entre o mundo material e o mundo espiritual, entre o corpo e os laços com a *ywyxeowa/ma'exeowa* (natureza). A contribuição de Koria Tapirapé evidencia a potência das pesquisas de autoria indígena que atualiza discussões na área de antropologia.

Em *Perspectivas em formação: Saberes da floresta (2020)*, de Márcia Wayna Kambeba, na formação docente e as literaturas indígenas na sala de aula, Fernanda Vieira de Sant' Anna



e Carolina Demétrio de Oliveira Costa discutem a importância do protagonismo das literaturas indígenas, africanas e afrodiaspóricas para a formação docente nas relações étnico-raciais. Com destaque na obra *Saberes da Floresta* (2020), de Márcia Kambeba, o artigo, que tem em vista a aplicação da Lei 11.645/2008 e sua importância na formação docente em Letras, promove um diálogo sobre as diversas formas de pensar o mundo.

O ensino, com ênfase na formação docente e em ações de extensão, é tema de mais cinco contribuições deste dossiê, o que coaduna com a assertiva de bell hooks (2017:23): “A sala de aula continua sendo o espaço que oferece as possibilidades mais radicais na academia”.

Luciana Leite da Silva e Aline do Carmo Costa Barbosa refletem sobre as relações entre ensino de História e Educação Ambiental. A partir das obras de Davi Kopenawa e Ailton Krenak, as autoras apresentam alguns limites e possibilidades de levar para o campo da história outras experiências de viver e estar no mundo. Ao tratar o meio ambiente enquanto um tema histórico, Silva e Barbosa identificam problematizações como: a concepção utilitarista de natureza, a separação entre os sujeitos humanos coletivos e o mundo natural, e as terminologias neoliberais de sustentabilidade e ecologia. Assim, “para adiar o fim do mundo”, não é suficiente as críticas aos binarismos do ocidente, “é necessário combater projetos de lei, como o PL 490/2007, que institui o marco temporal e outras expensas”, destacam as autoras.

Em *Raça e língua: o antirracismo na formação de professores de inglês*, Tiago José de Santana Silva e Joyce Rodrigues da Silva Magalhães, a partir de um relato de experiência realizado na Universidade Estadual de Alagoas, em Arapiraca-AL, com estudantes do curso de Letras Inglês, discutem a relação intrínseca entre língua e racismo. Afinal, as ideologias, narrativas e relações de poder presentes no imaginário social perpassam os modos de falar, pensar e agir no mundo. Qual a relação entre racismo e linguagem? Quais são suas implicações na sala de aula? Como contribuir com perspectivas antirracistas na Educação? São questões levantadas e desenvolvidas no texto.

A proposta da pesquisadora quilombola Marta Quintiliano, *As feitura das bonecas Abayomi como uma educação transgressora*, também parte de um relato de experiência realizado em sala de aula, neste caso, junto a estudantes indígenas da Licenciatura em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás. As oficinas de confecção das bonecas Abayomi, “incluía pensar em um nome e um sobrenome para batizá-las, e também dizer se a boneca era casada, se tinha família e/ou profissão, ou seja, criar uma narrativa”. Com isso, Quintiliano inclui no curso de formação de docentes indígenas a temática da história e da cultura afro-



brasileira, de modo a atender a Lei 10.639/2003, mas ainda, ao incentivar que as bonecas ganhem um nome e uma narrativa de cada estudante, promove diálogos interculturais. A autora entende as oficinas como produtoras de afroafetividade e um espaço de reflexão acerca da ausência das epistemologias afrodiaspóricas na academia.

A formação docente também é tema do texto assinado por Fátima Regina Almeida de Freitas, Humberto Moreira Barros Filho, Inez Maria Milhome Viana e Warlúcia Pereira Guimarães, ainda que, nesta contribuição, é a experiência formativa de profissionais em exercício da Rede Municipal de Educação de Goiânia-GO, que encontra tela. As autoras registram a organização, realização, metodologia e avaliação do curso de Extensão *Literatura Infantil e Educação para as Relações Étnico-raciais: Caminhos Teóricos, Experiências e Vivências*, projeto desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/Goiás) e a Secretaria Municipal de Educação de Goiânia.

Em *Oficina Escrevivências como práxis da pedagogia libertadora*, as autoras Rosânia Oliveira do Nascimento e Hellen Rodrigues Batista discorrem sobre a experiência pedagógica de duas edições da Oficina *Escrevivências*. A proposta, uma “prática de desobediência antirracista afirmando a literatura negro-brasileira como práxis da pedagogia libertadora”, surgiu como projeto de pesquisa e extensão apoiado pelo Programa de Oficinas Comunitárias de Arte e Cultura, regulamentado e financiado pela Diretoria de Esporte e Atividades Comunitárias (DEAC) da Universidade de Brasília (UnB), promoveu discussões e vivências de escrita criativa a partir da obra de duas escritoras negras, a mineira Conceição Evaristo e a carioca Cristiane Sobral.

A experiência em atividades de extensão também é foco da contribuição de Tatiana Maciel Gontijo de Carvalho, Ana Carolina Moreira Barcelos e Thiago Henrique Oliveira Jardim. As autoras apresentam os desdobramentos do projeto de extensão *Dedo de prosa: filosofia e cultura nas tradições Nagô e Guarani*, desenvolvido na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), que consistiu em encontros virtuais com lideranças e pensadoras/es das tradições nagô e guarani mbya. No diálogo entre as filosofias e as culturas em ambas as tradições, aponta-se a centralidade das noções de corpo e corporeidade no pensamento nagô, presente em múltiplas dimensões, no grupo, nas danças e ritmos, na pessoa. Quanto à tradição mbya, desenvolve-se uma reflexão sobre a relação entre a força do nome e a herança dos deuses, revelando um modo de ser guarani mbya repleto de ensinamentos que demonstram o respeito à natureza, grande legado de Ñanderu para o bem-viver na Terra.



Os saberes indígenas também se fazem presentes no texto *Seguindo as forquilhas da amesca: awãkã'p e retomadas nos escritos pataxó*. Nesta proposta, as formas de resistência e os saberes construídos por autoras e autores pataxó em trabalhos acadêmicos em diferentes níveis – graduação e pós-graduação – são o ponto de partida para a reflexão sobre modos de aprendizado das *awãkã'p* (narrativas). A narrativa da *amesca* “se materializa em determinados lugares e espécies vegetais, mas também depende de seus porta-vozes autorizados, isto é, determinados anciãos e anciãs que sabem narrá-la aos mais novos”. Disso decorre que os/as pesquisadores/as pataxó caminhem em uma “teia de relações”: “aquele/a que sabe contar histórias é porque caminhou e *pegou* relatos com os *makiami* (anciãos e anciãs pataxó) nas aldeias *txihihã* (pataxó) *esparramadas* aqui e ali”.

Duas contribuições presentes neste dossiê denunciam, de diferentes modos, a invisibilização das contribuições da população negra e seus efeitos. Daniel Henrique de Menezes Dias, em *Do Curral Del Rey à Belo Horizonte: resgate imagético da experiência negra na cidade*, compartilha sua pesquisa de mestrado em que discute a experiência negra no Curral Del Rey, assentamento que existia no atual território de Belo Horizonte e que foi destruído. Além das questões urbanísticas e espaciais, problematiza as políticas de invisibilização da população negra no contexto de uma ideologia modernizante do espaço urbano. O autor destaca e reflete sobre as muitas práticas afrodiaspóricas ocorridas no período da construção da capital mineira, para onde corpos negros eram forçados a migrar. Permeia o texto um percurso teórico-metodológico de análise crítica dos arquivos fotográficos institucionais acerca do Curral Del Rey e de Belo Horizonte, proporcionando uma sensível reflexão acerca do processos diversos e contínuos de violência e apagamento da experiência negra, desde a desapropriação da população do Curral Del Rey à maneira como os arquivos institucionais salvaguardam e registram tais acontecimentos.

Por sua vez, Fillipe Alves discorre sobre a história da antropologia. A partir de uma discussão bibliográfica, o autor apresenta processos de “reavaliação e críticas com relação às instituições coloniais que oscilou entre ambivalência e franca oposição”. Contudo, se a disciplina passou por “avanços teóricos” importantes, ela ainda apresenta dificuldades em promover a diversidade racial nas instituições de produção de conhecimento. Por meio de dados da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) sobre a presença de negras e negros em programas de pós-graduação e do perfil de docentes de pós-graduação, o autor chama atenção para a “a necessidade de maior compromisso com as políticas de ações



afirmativas e acolhimento de pesquisadores negros e indígenas em quadros formativos visando um novo modo de produção de saber”.

O último texto deste dossiê, *Produção de autoria indígena em programas de pós-graduação na área de antropologia: levantamento de dissertações e teses (2010 a 2022)*, de Camila Mainardi e Marina Barbosa e Silva, tangencia a discussão sobre políticas de ação afirmativa, neste caso, especificamente para povos indígenas. A partir de um levantamento de dissertações e teses realizado em programas de pós-graduação na área de antropologia, as autoras mostram que a produção de autoria indígena é crescente, mas desigualmente distribuída. Além disso, as autoras organizam em tabelas e gráficos informações sobre o pertencimento étnico, identidade de gênero e formação inicial das/os autoras/es o, além de, em anexo, disponibilizar informações sobre todas as monografias acessadas, o que pode contribuir para a avaliação e o fortalecimento da presença indígena na antropologia.

Agradecemos as/aos editorxs da Revista Ñanduty pelo acolhimento da proposta deste dossiê. A provocação anunciada no título – Universidades em transformação? – visava promover a reflexão sobre os espaços acadêmicos, as disputas, conflitos e contradições entre múltiplos saberes e práticas de conhecimento, o que inclui possibilidades de criação. Ao longo do processo de organização, consideramos a proposta demasiado pretensiosa, como atesta a diversidade de temas, abordagens, experiências, instituições e autorias das contribuições reunidas. Contudo, concluímos que, tal como havíamos previsto na chamada para este dossiê, a proposta não se encerra em uma área do conhecimento, mas que, ao contrário, convoca o debate interdisciplinar. Assim, percorremos nos textos que recebemos, contribuições de projetos de pesquisa, grupos de estudos, coletivos, com destaque para ações voltadas ao ensino, à formação docente e à extensão, desenvolvidas em diferentes instituições e nas áreas de Ciências Humanas e Letras. A maioria dos textos foram redigidos em parceria, a muitas mãos, o que assinala que as experiências que ensejam (alguma) transformação são compartilhadas e foram desenvolvidas coletivamente.

Na etapa de finalização deste dossiê recebemos a notícia do falecimento de Antônio Bispo dos Santos, grande mestre e intelectual quilombola, cujos ensinamentos ressoam em alguns dos escritos aqui reunidos e que continuaremos semeando. Registramos aqui nosso reconhecimento à potência transformadora de seu pensamento e nossa singela homenagem que ganha forma fazendo ressoar suas palavras: “Somos da circularidade: começo, meio e começo.

As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo” (Antônio Bispo dos Santos, 2023: 102)

Boa leitura.

Referências

BISPO DOS SANTOS, Antônio. 2023. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. 2005. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de Doutorado em Filosofia, Universidade de São Paulo.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo, Cosac & Naify.

hooks, bell. 2017. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2ª ed. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes.

LEI FEDERAL Nº 10.639, 2003.

LEI FEDERAL Nº 11.645, 2008.

LUCIANO, Gersem José dos Santos [Gersem Baniwa]. 2015. “Os indígenas antropólogos: desafios e perspectivas”. *Novos Debates*, Brasília, 2(1): 2-17.

QUINTILIANO, Marta. 2019. *Redes afro-indígenaafetivas: uma autoetnografia sobre trajetórias, relações e tensões entre cotistas da pós-graduação strictu sensu e políticas de ações afirmativas na Universidade Federal de Goiás*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás.

SODRÉ, Muniz A. C. 2017. *Pensar nagô*. Rio de Janeiro, Vozes.